

ESPAÇOS - ITESP - SP, 2012, v. 20, n. 2, 83-97 (A Revista Espaços é o periódico do Instituto Teológico São Paulo – ISSN 1677-4833).

**GUIJARRO, Santiago. *Los cuatro evangelios*. Coleção Biblioteca de Estudos Bíblicos, n° 124. Salamanca, Ediciones Sígueme, 2010, págs. 575 (ISBN: 978-84-301-1730-7).**

O livro *Os Quatro Evangelhos* de Santiago Guijarro, catedrático de Novo Testamento na Pontifícia Universidade de Salamanca (Espanha) – um dos mais eminentes biblistas espanhóis – está dividida em duas grandes partes, precedidas por um breve prólogo, uma introdução e seguidas por breve conclusão e apêndices. Na introdução ele procura elucidar o processo que levou à seleção dos quatro Evangelhos canônicos, na primeira parte analisa o processo de formação desses Evangelhos para, por fim, na segunda parte, analisar detidamente cada um deles. Após essa brevíssima introdução passo a realizar algumas considerações sobre a obra.

Trata-se de uma obra de Introdução aos quatro Evangelhos canônicos de grande fôlego. Guijarro tem a preocupação de introduzir os seus leitores em modo amplo seja no processo de formação que na especificidade de cada um dos Evangelhos, valendo-se para tanto da ajuda dos estudos mais recentes em mérito. Esta obra, desse modo, é uma obra eminentemente atual! Se por um lado o autor confessa que dedicou-se por dois anos a escrevê-la, por outro especifica que é fruto de catorze anos de docência nessa área. Ao mesmo tempo em que se trata de uma excelente obra introdutória - e nesse sentido trata-se de um *manual* – o autor não deixa de expressar o seu ponto de vista em temas específicos, tomando posição diante de situações hipotéticas, fato que não caracteriza exatamente uma obra de introdução a um tema, onde o autor geralmente procura expressar a opinião mais aceita pela maioria dos expertos na área de estudo abordada. Todavia, o autor não escreveu esse livro assumindo posições bombásticas, de modo que pode perfeitamente servir como um manual de introdução a ser utilizado em nossas faculdades de Teologia.

O título da ampla introdução é *A seleção dos quatro*<sup>1</sup>. Nela o autor analisa detidamente a questão que os quatro Evangelhos canônicos não foram os únicos escritos sobre Jesus produzidos nos primeiros dois séculos da era cristã. Assim, ele considera fundamental começar explicando o porquê da seleção desses quatro. Primeiramente Guijarro apresenta um catálogo representativo dos escritos sobre Jesus para o período em questão, a saber, os Evangelhos de Mateus, João, Lucas, Pedro, Tomé, Marcos, da infância de Jesus, de Tiago, do Papiro Egerton, da Verdade, de Judas, dos Hebreus, dos Nazarenos e dos Egípcios, citados em uma ordem obtida a partir do critério da quantidade de manuscritos dos séculos II e III que os testemunham e das citações presentes nos mais antigos autores eclesiásticos. Como podemos perceber pela ordem

---

<sup>1</sup> Todas as vezes em que citar títulos ou partes do livro apresentarei uma tradução própria do espanhol.

acima, esses critérios não combinam com a ordem cronológica na qual foram escritos tais Evangelhos nem tampouco determinam que todos os que estão nos primeiros lugares serão depois recepcionados como inspirados.

Do ponto de vista das formas literárias utilizadas na composição desses Evangelhos o exegeta de Salamanca apresenta cinco: \*coleções de ditos, \*discursos e diálogos, \*coleções de milagres, \*paixão de Jesus e \*relatos da sua infância. O grande mérito dos quatro Evangelhos, nesse sentido, foi o de integrar diversas formas literárias dentro de um marco narrativo, e isso foi determinante para o seu sucesso na recepção por parte das primeiras comunidades cristãs. Se pegarmos os Evangelhos de Mateus e Lucas, por exemplo, seus autores souberam acrescentar à narrativa de base, proveniente de Marcos, uma coleção de ditos intitulada *Documento Q* e um relato da infância de Jesus.

Um outro critério que determinou o sucesso na seleção dos quatro Evangelhos canônicos foi a sua capacidade de apresentar-se na continuidade das Escrituras de Israel: “Os quatro conheciam as Escrituras hebraicas e contam a vida de Jesus como continuação e cumprimento de ditas Escrituras” (p. 37). Nesse sentido, o autor sublinha que o rechaço da proposta de Marcião não aconteceu porque ele selecionou apenas um Evangelho (no caso o de Lucas, remodelado), fato normal para a primeira metade do I século, onde era comum que uma comunidade possuísse apenas um Evangelho, mas pelo seu desprezo pelas Escrituras de Israel, consideradas por ele como anunciando um deus inferior e mau.

Nessa esteira, por volta do final do segundo século já havia um substancial consenso em considerar como inspirados os nossos quatro Evangelhos canônicos, assim como Ireneu o expressa na obra *Adversus Haereses (III,11,8)*, onde as chama de *Evangelho tetramorfo*. Para completar a questão Guijarro apresenta também os três principais critérios de seleção adotados, mas nesse sentido não há nenhuma novidade.

Por fim, tratando do Gênero Literários dos Evangelhos, o autor começa se perguntando se os Evangelhos seriam o desenvolvimento do *kerigma* – *kerigma narrado* -, como queria a Escola da História das Formas, ou se fariam parte do grupo das biografias antigas. Ele claramente defende a segunda hipótese, e será a que desenvolverá ao longo de todo o livro. Nessa introdução o autor sublinha que as biografias antigas, em modo diverso das atuais, não tinham como objetivo primário narrar cronologicamente os acontecimentos, mas tinham primeiramente uma finalidade encomiástica, isto é, a finalidade de apresentar a vida de um personagem como cheia de honra. Nesse sentido, eram divididas em três partes, onde a primeira tratava do nascimento, infância e juventude do biografado, a segunda da sua vida e atividade pública e a terceira de sua morte, fatos correlatos e posteriores. Naturalmente, no caso da biografia sobre Jesus, os evangelistas procuraram também despertar em seus leitores uma atitude de fé, mas nem por isso os Evangelhos deixam de caracterizar-se como biografias no molde antigo: “A flexibilidade do gênero literário biográfico tornou possível que as tradições sobre Jesus, ordenadas segundo o esquema do *kerigma* cristão,

tenham produzido uma forma particular de biografia, que teve o seu próprio desenvolvimento” (p. 60).

A Primeira parte do livro, intitulada *A formação dos Evangelhos* dividi-se em três grandes capítulos. O primeiro deles intitula-se *As relações entre os quatro Evangelhos* e Guijarro o começa apresentando alguns limites da crítica textual. Sem menosprezar os grandes méritos desta ciência o autor apresenta e critica os dois pilares nos quais ela se assenta: \*Primeiro: existiu um único texto original; \*Segundo: este texto pode ser reconstruído a partir dos manuscritos que chegaram até nós. A partir da consciência que o processo de formação dos Evangelhos acontece em uma sociedade caracterizada sobretudo pela cultura oral, e não pela escrita, e onde não há nenhum problema em completar manuscritos precedentes com novas tradições ou corrigi-los a partir da tradição oral, é difícil falar de um texto original (isto questiona o primeiro pilar). Por outro lado, embora um grande número dos cerca de 5.000 manuscritos neotestamentários tenham chegado até nós em modo fragmentário, eles revelam em alguns casos consideráveis diferenças entre eles, como por exemplo as tradições alexandrina e ocidental para a Obra Lucana, ao mesmo tempo em que revelam também processos de “contaminação” entre eles, onde um Evangelho mais difundido com o de Mateus, por exemplo, não raro acabava por servir para harmonizar os demais (isto questiona o segundo pilar).

Em seguida é abordado o *Problema Sinótico*, isto é, a pergunta pela relação de dependência literária entre os três Evangelhos Sinóticos. O autor começa a sua análise apresentando a relação entre os três - convergências e divergências - do ponto de vista do seu conteúdo, da ordem em que estão dispostos esses conteúdos e a partir das expressões concretas com que estão formuladas as perícopes específicas. Como conclusão, admitir a prioridade de Marcos resulta a melhor hipótese para explicar os diferentes fenômenos. Nesse sentido, em continuação, Guijarro apresenta a *hipótese das duas fontes*, que postula a prioridade de Marcos como fonte de Mateus e Lucas, sendo que estes dois utilizaram também uma segunda fonte, intitulada *Documento Q*. O autor também adere a esta hipótese e a utilizará como base para o desenvolvimento desse manual, baste observar a ordem na qual serão tratados os Evangelhos, isto é, começando pelo estudo de Marcos. Guijarro não deixa de apresentar, em seguida, problemas levantados por esta hipótese, bem como de mencionar outras hipóteses atuais que procuram responder ao *Problema Sinótico*, especialmente a hipótese de *Benoit-Boimard*, a qual sempre recebe, pela sua seriedade, a reverência dos estudiosos, ao mesmo tempo em que declinam respeitosamente em tomá-la como base de seus estudos, tendo em vista sua complexidade.

O autor, em modo diverso de muitos outros manuais de introdução aos Evangelhos, escolhe estudar os quatro juntos, e não apenas os Sinóticos, considerando que as linhas de convergência são muito mais significativas que as de divergência, fato que ficou mais claro ao comparar esses quatro escritos com os demais presentes no cristianismo das origens. Assim, nesse capítulo ele precisa, após analisar o *Problema Sinótico*, perguntar-se pela relação entre os Sinóticos e João. Guijarro apresenta três

possibilidades: \*Primeira: João conheceu e utilizou os Sinóticos; \*Segunda: João utilizou tradições comuns aos Sinóticos; \*Terceira: João conheceu os Sinóticos, mas não os utilizou. O exegeta de Salamanca defende esta terceira hipótese. O Evangelho segundo João representa uma outra tendência dentro do cristianismo das origens. Entendamos melhor: Mateus e Lucas tomaram como base Marcos, acrescentando algumas outras tradições e, como resultado desse processo, Marcos perdeu relevância, enquanto Mateus e Lucas converteram-se em representantes do *cânon sinótico* e alcançaram enorme prestígio. Todavia, esses Evangelhos deixavam de lado outras tradições recolhidas em outros círculos cristãos. É aqui que entra a opção de João em escrever um Evangelho diferente: “O Evangelho segundo João, com efeito, incorpora não somente diversas tradições que não se encontram nos Sinóticos, mas também uma forma particular de interpretar as recordações sobre Jesus, que é especialmente visível naquelas passagens que têm em comum com os Sinóticos. Para João, as ações e as palavras de Jesus eram, antes de tudo, um caminho para chegar a conhecer sua verdadeira identidade; precisamente a partir dessa chave foram compreendidas e interpretadas ditas ações e palavras” (p. 101).

O segundo capítulo da Primeira parte intitula-se *A tradição oral e os quatro Evangelhos*. Nesse capítulo, como já foi mencionado acima, Guijarro esforça-se para ajudar o leitor a compreender que o contexto cultural onde se formaram e foram transmitidas as tradições sobre Jesus era um contexto em que predominava a cultura oral. De fato, referindo-se aos nossos dias ele afirma: “Acostumados durante séculos a um modelo que considera o texto escrito a forma mais perfeita de comunicação, é muito difícil imaginar um mundo no qual a comunicação escrita ocupava um lugar secundário em relação à comunicação oral” (p. 107). Dentro dos estudos que levaram ao reconhecimento do valor da cultura oral, o autor destaca a chamada Escola da História das Formas (Schmidt, Dibelius, Bultmann), apresentando suas virtudes e seus limites. É significativo que a transmissão da tradição, em se tratando da cultura oral, não aconteça em formas exatamente iguais, mas com uma particular ligação com o contexto vital e conjugando fidelidade e flexibilidade. Digo significativo porque isto nos ajuda a superar o mito que os Evangelhos nos apresentariam sempre narrativas e ditos provindos como se “filmados e registrados” diretamente dos eventos que envolveram Jesus e as pessoas que encontrou. Em outras palavras, isto nos ajuda a perceber o caráter processual que caracterizou a formação dos Evangelhos.

Em se tratando da formação e transmissão das tradições sobre Jesus, num contexto de cultura oral, o autor tenta individuar os grupos que foram responsáveis, em medida maior ou menor, por esse processo, bem como as formas nas quais essa tradição foi sendo transmitida. Em um modo didático e já consolidado (ver a *Dei Verbum* 19) Guijarro apresenta este processo em três grandes etapas, a saber, a \*Primeira, que coincide com a atividade pública de Jesus (em torno dos anos 27-30 d.C.); a \*Segunda, que é a *etapa apostólica* (em torno dos anos 30-70 d.C.); a \*Terceira, que é a *etapa subapostólica* (em torno dos anos 70-110 d.C.). Essas etapas são desenvolvidas detalhadamente, embora aqui sejam sublinhados apenas alguns aspectos que resultam

particularmente significativos. O autor, ao falar do grupo dos seguidores(as) mais próximos de Jesus, distingue, segundo as expressões de James Dunn, entre uma *fé discipular* (antes da Páscoa) e uma *fé pascal* (após a Páscoa). De fato, a Ressurreição de Jesus e o modo como foi experienciada pelos discípulos foi fundamental para essa passagem e para o crescimento na compreensão sobre a identidade de Jesus. Um outro aspecto que o livro sublinha, e que nem sempre percebemos, é a diferença dos contextos vitais onde a tradição foi transmitida. Assim, na esteira de Bultmann, quando pensamos na transmissão da tradição nos reportamos sempre indistintamente aos ambientes da pregação, da catequese e do culto. Guijarro sublinha, ao invés, dois grandes contextos vitais que pediram transmissões diferentes: o primeiro é o contexto siro-palestinese onde, em contato com outros grupos de judeus, os discípulos de Jesus precisaram cultivar particularmente a memória das ações e as palavras de Jesus, como forma de construir a própria identidade em meio a outros grupos; por outro lado, no contexto da diáspora helenística os discípulos sentiram a necessidade de desenvolver sobretudo a consciência sobre a identidade divina de Jesus, na realidade das cidades do Império Romano marcada pelo politeísmo e por inúmeras propostas religiosas. Nesse sentido, compreende-se porque se conservam tão poucos memórias sobre o Jesus histórico nas cartas de Paulo que, aliás, foram escritas antes da redação dos Evangelhos. Ainda, Guijarro sublinha que a transmissão das tradições sobre Jesus pertence ao grupo da *tradição oral informalmente controlada*: a presença dos discípulos(as) é a garantia de que a tradição, ao mesmo em tempo que se transmite com flexibilidade e próxima ao contexto vital, conserve fidelidade para com a sua origem, isto é, as ações e palavras de Jesus de Nazaré. Por fim, ao analisar a Terceira etapa, isto é, aquela da redação dos Evangelhos na *fase subapostólica*, o autor apresenta também a chamada Escola da História da Redação (Bornkamm, Conzelmann, Trilling, Marxsen), que resgata os evangelistas como verdadeiros autores, ao mesmo tempo em que sublinha que a oralidade não cessa com a redação dos Evangelhos, mas continua viva e influenciando os escritos. Esse fenômeno, aliás, ajuda a explicar certas dificuldades encontradas ao analisar a relação entre os Evangelhos.

O terceiro e último capítulo da Primeira parte intitula-se *As composições anteriores aos Evangelhos*. Nele o autor analisa detidamente três documentos hipotéticos que provavelmente terão existido e estado na base das composições evangélicas, a saber, o *Relato da paixão*, o *Documento Q* e a *Fonte dos Sinais*. Aliás, em apêndice Guijarro apresentará também, entre as páginas 545 e 558, uma reconstrução hipotética dessas três composições pré-evangélicas. Faço apenas uma observação sobre o *Documento Q*, provavelmente originário da Galileia e escrito antes da I Guerra romano-judaica (66-74 d.C.). Embora a primeira impressão de sua reconstrução seja a de uma coleção de ditos tal como aquela presente no Evangelho segundo Tomé, sem algum princípio organizador, uma análise mais detida descobre um plano organizativo por detrás desse *Documento*, o qual, tal como os treze primeiros capítulos do Evangelho segundo Marcos, começa com a pregação de João Batista e a apresentação de Jesus que culmina com as tentações (cf. Mc 1, 2-13; Q 3,2 - 4,13), e termina com um discurso

escatológico (cf. Mc 13, 3-36; Q 17, 23 - 22,30). A partir desse ponto de vista podemos considerar o *Documento Q* como mais próximo ao Evangelho segundo Marcos que ao Evangelho segundo Tomé. Em outras palavras, possivelmente seja o *Documento Q* que o Evangelho segundo Marcos partiram de um esquema tradicional para a organização redacional da vida pública de Jesus.

Passando para a Segunda parte do livro, que se intitula *O Evangelho tetramorfo*, encontraremos a análise de cada um dos quatro Evangelhos. Guijarro nos quatro casos começa com a análise da composição literária do Evangelho, continua com uma leitura contínua e termina com um estudo sobre o seu contexto vital, onde também procura apresentar pistas sobre a relação do escrito em questão com o cristianismo nascente como um todo. Como esclarecera no prólogo, o autor renunciou conscientemente a apresentar uma possível teologia de cada Evangelho: “Esta opção se inspira na convicção de que estas sínteses teológicas podem não fazer justiça à forma com a qual os evangelistas apresentam a sua mensagem. Os Evangelhos são textos narrativos e expõe sua mensagem através de um relato, cuja riqueza escapa sempre a qualquer intento de sistematização” (p. 17). Naturalmente, ao apresentar a composição literária de cada Evangelho, posta a prova posteriormente com a leitura contínua, é possível colher, nas entrelinhas, elementos preciosos da intenção teológica de cada evangelista.

Passando ao estudo do Evangelho segundo Marcos o autor sugere que este escrito tenha conhecido diferentes redações, principalmente sob a influência da tradição oral viva, e propõe a hipótese de pelo menos três diferentes edições: uma \*Primeira, sem a chamada *sessão de Betsaida* (Mc 6,45 - 8,26), que teria sido conhecida e utilizada como base para o Evangelho segundo Lucas; uma \*Segunda, incluindo tal sessão, que teria sido conhecida e utilizada como base para o Evangelho segundo Mateus; por fim uma \*Terceira, a atual, na qual teriam sido introduzidos vários retoques, que então explicariam as diversas “concordâncias menores” (*minor agreements*) entre Mateus e Lucas contra Marcos, e que constitui um dos principais problemas para a *hipótese das duas fontes*. Guijarro defende, como vimos, que o gênero literário dos Evangelhos é a biografia antiga. Nesse sentido, em princípio causa estranheza enquadrar Marcos nesse gênero literário, sendo que ele começa a narrar a vida de Jesus a partir do início da sua vida pública. O autor explica, contudo, que a motivação principal para a omissão marquina da infância de Jesus dá-se pelo fato de que a origem humana dele não contribuía para apresentá-lo com um personagem honrado; assim, Marcos prefere, no início do primeiro capítulo (cf. Mc 1,1-15), apresentar a origem divina de Jesus através da pregação de João Batista, do testemunho do Pai e da recepção do Espírito. Esses elementos sim contribuem para a apresentar Jesus como um personagem digno de ser biografado! Já Mateus e Lucas, através de outros procedimentos, especialmente segundo a teologia de cada um deles, apresentarão uma narração da infância de Jesus digna de ser enquadrada nos moldes biográficos de então, tornando seus escritos mais reconhecíveis dentro do gênero literário em questão.

Um outro aspecto que chama atenção em Marcos, segundo a análise de Guijarro, é o uso contínuo que o evangelista faz do *tríptico* como técnica literária para organizar as

suas exposições e sublinhar o que está no centro. Assim, ao lado de *trípticos* muito conhecidos como aquele de 5,21-43 (a ressurreição da filha de Jairo e a cura da hemorroíssa), encontramos inúmeros outros espalhados ao longo do Evangelho, ao ponto que poderíamos considerá-la a técnica literária preferida por Marcos. Por fim, é interessante a hipótese que o exegeta de Salamanca apresenta em relação ao local de composição da Evangelho, por um lado apontando para as conclusões dos estudos atuais e por outro acolhendo o dato tradicional. Assim, ele defende que o evangelista tenha escrito nas regiões da Síria, num contexto de hostilidade vivido no clima da I Guerra romano-judaica, talvez tendo como destinatárias as comunidades de Tiro e Sidônia, mas propõe que uma cópia desse Evangelho tenha chegado muito cedo em Roma, tendo sido então adotado e difundido sob a autoridade daquela Igreja, isto é, sob a autoridade de Pedro, justificando assim as informações apresentadas por Pápias de Hierápolis nas primeiras décadas do II século.

Passando ao Evangelho segundo Mateus, gostaria de sublinhar os seguintes pontos: Mateus, e também Lucas, aperfeiçoaram o uso do gênero literário biográfico que já tinha sido adotado por Marcos: acrescentaram na primeira parte uma narração da infância de Jesus, na segunda parte aumentaram substancialmente os ensinamentos de Jesus (pouco presentes em Marcos, e que em Mateus e Lucas são numerosos pelo fato de terem assumido o *Documento Q*) e, na terceira, ampliaram os eventos acontecidos após a ressurreição de Jesus, indo além da narrativa marquina, que apresentara apenas o relato da tumba vazia e o anúncio às mulheres (cf. Mc 16,1-8). Naturalmente, com estes acréscimos, com muita probabilidade, os leitores helenísticos de Mateus e Lucas reconheciam estar diante de um relato biográfico.

Ao falar das pequenas fraternidades domésticas que compunham a comunidade mateana, provavelmente localizada em Antioquia de Síria, na década de 80 do I século, num contexto de tradição petrina (*judeu-cristianismo moderado* na segunda geração cristã) o autor insiste na importância da “casa” como local básico de encontro e plataforma para a vida comunitária. Todavia, essa não era uma prerrogativa apenas da comunidade de Mateus, mas também das comunidades que estão na base dos demais Evangelhos. Desse modo, um estudo sobre a “casa” torna-se fundamental para quem queira estudar o contexto vital onde as tradições sobre Jesus foram transmitidas e fixadas. Por outro lado, falando de contexto vital a partir de categorias sociológicas, Guijarro classifica a comunidade mateana - e também a lucana - como uma *comunidade marginal*, e o faz a partir de três critérios: \*Primeiro: pertença simultânea a dois mundos (aquele ao qual pertence a maioria e o da comunidade, mais determinante); \*Segundo: vivência de oposição e protesto contra a grupo majoritário; \*Terceiro: proposta de vida alternativa em relação ao grupo majoritário (cf. p. 343).

O estudo do Evangelho segundo Lucas acontece estreitamente ligado ao estudo do livro dos Atos dos apóstolos, a partir da constatação de que se trata de uma obra escrita por um mesmo autor - Obra Lucana - que conscientemente quis coligar estas duas narrativas, mesmo que não se possa afirmar que este fosse necessariamente o seu projeto original. Ao mesmo tempo, porém, em que o autor do terceiro Evangelho pensou a Obra

Lucana como uma unidade, não foi assim que o cristianismo das origens a acolheu. Assim, desde os mais antigos manuscritos sempre encontramos Lucas e Atos separados. Não obstante, Guijarro considera muito importante resgatar o estudo desta Obra em sua unidade e, portanto, opta por apresentar também o livro dos Atos dos apóstolos (há também uma sua leitura contínua), mesmo se o seu livro anuncia, desde o título, apenas os quatro Evangelhos. É evidente, nesse sentido, que ao tratar do contexto vital não o fará duas vezes, mas estudará uma vez o contexto vital da Obra Lucana.

Falando em contexto vital, Guijarro considera o autor da Obra Lucana um discípulo helenista da *geração subapostólica*, a saber, um membro de alguma comunidade paulina que escreveu após a morte de Paulo, em Roma, depois do reinado do Imperador Domiciano (81-96 d.C.). A consideração de Roma como o local da redação da Obra Lucana não é exatamente uma novidade, embora os argumentos apresentados sejam bastante hipotéticos (cf. págs. 394-395). De fato, é muito complicado arriscar uma hipótese sobre o local de composição dessa Obra, sendo talvez preferível apresentar em modo genérico o âmbito das comunidades paulinas da *geração subapostólica*. Todavia, o que causa mais estranheza é a datação apresentada por Guijarro, isto é, os últimos anos do I século, talvez durante o reinado de Nerva (96-98 d.C.), ou pouco depois, “já que a reabilitação dos judeus realizada por este imperador teria criado um clima adequado para que Lucas pudesse reivindicar a legitimidade do nascente movimento cristão apelando à sua relação com os grupos judeus” (p. 396). A estranheza está na afirmação de que a maioria dos autores propende por esta datação da Obra Lucana, enquanto, segundo o meu conhecimento, é muito mais comum que os autores atuais apresentem a década de 80 do I século como mais provável data da sua redação, concomitantemente à redação do Evangelho segundo Mateus.

Ainda em relação ao contexto vital, Guijarro considera também a comunidade lucana - ou as comunidades - como marginal (conforme assinalado acima). Nesse sentido, tanto Mateus como Lucas vivem em um contexto onde se relacionam particularmente com duas forças majoritárias: o mundo do judaísmo e o mundo do Império. A diferença entre estas comunidades, porém, reside em que, enquanto a comunidade mateana sofre primeiramente o influxo do conflito frente ao mundo do judaísmo (*judaísmo formativo*, diria Neusner), a comunidade lucana sofre primeiramente o influxo do Império Romano, especialmente presente através da ideologia da *Pax Romana* e do culto ao imperador. Frente a esta ideologia a atitude do autor da Obra Lucana, mais do que apologética - como poderia ser acusado -, é uma atitude pragmática que combina a aceitação de encontrar-se inelutavelmente neste mundo com a crítica à sua ideologia, na medida em que apresente apenas Jesus como o verdadeiro portador do Evangelho da Paz.

Por fim, na medida em que Guijarro considera o autor como um discípulo da *geração subapostólica*, o enquadra dentro dos grupos que administraram a herança paulina, não necessariamente em modo igual. Assim, o autor relaciona a Obra Lucana com os escritos dêutero-paulinos, particularmente Colossenses/Efésios e as Cartas pastorais, assinalando brevemente uma atitude diferente no modo de relacionar-se com a



casa e a família: “Estas diversas respostas a um mesmo problema não são estágios sucessivos de uma mesma trajetória, mas desenvolvimentos paralelos da tradição paulina, em cujo seio deve-se situar a Obra Lucana” (p. 404).

Passando, finalmente, ao quarto Evangelho, o autor primeiramente analisa a relação entre o Evangelho segundo João e as Cartas joaninas, concluindo, a partir das coincidências entre o vocabulário e os temas teológicos, que foram compostos no mesmo contexto vital, mesmo se escritos em momentos distintos e como respostas a problemáticas diferentes. Assim, enquanto no Evangelho supõem-se uma confrontação entre Jesus e discípulos com os “judeus”, nas cartas há o enfrentamento entre dois grupos de discípulos de Jesus, um dos quais se separa do outro (cf. I Jo 2,19).

Falando da composição do quarto Evangelho, seus acréscimos, suas releituras, gostaria de sublinhar a opinião do exegeta de Salamanca sobre o acréscimo da segundo conclusão, a saber, o cap. 21: “não se trata de um acréscimo descuidado, mas de uma releitura do Evangelho cujo finalidade principal é vincular o relato que recolhia a tradição do Discípulo amado com as Igrejas que se remetiam à autoridade de Pedro (...) o Evangelho somente se difundiu com esta ampliação, e este capítulo foi determinante para a sua difusão e para o seu reconhecimento eclesial. Dada a importância que tem a figura de Pedro nos três Sinóticos, seria cabível pensar que o propósito desta ampliação não foi somente facilitar a aceitação do quarto Evangelho, mas também vinculá-lo aos três Sinóticos e reivindicar para ele o mesmo reconhecimento que estes haviam alcançado” (págs. 447-448).

Continuando o tema da composição, o autor sente a necessidade de esclarecer também algo sobre a composição das Cartas joaninas, de modo a contribuir na compreensão do quadro geral. Assim, ele sugere que a composição das Cartas tenha acontecido na ordem inversa em que aparecem no cânon. Em breve, a partir da análise literária das três cartas é possível perceber que a IIIJo reflete uma situação e uma problemática diferentes das outras duas, onde não aparece o tom polêmico presente nelas. Assim, a IIIJo teria sido escrita previamente à ruptura presente nas outras duas, a IIJo teria sido escrita no momento inicial desta ruptura e, por fim, a IJo teria sido redigida quando esta ruptura havia sido consumada e generalizada. Guijarro dedica uma análise particular à IJo, considerando que talvez tenha sido escrita em um momento em que os capítulos 15-17 + 21 não tinham ainda sido acrescentados ao quarto Evangelho. De fato, aquilo que João 15-17 atribui ao *Parákletos* a IJo atribui a Jesus (cf. I Jo 2,1).

Falar da composição do quarto Evangelho e do seu contexto vital é uma tarefa bem mais árdua se comparada com os três Sinóticos. Isso se dá pelas diferentes fases dessa composição, acontecidas em diferentes lugares e, portanto, incluindo mais pessoas e grupos, com diferentes mentalidades e frente a situações diferentes. Falando, por exemplo, da pessoa que está no início da tradição joanina, Guijarro a considera um discípulo de Jesus que não fazia parte do grupo dos Doze, mas que conviveu com o Mestre desde o princípio. Guijarro considera o Evangelho segundo João como fruto de três etapas diferentes (aqui mencionadas sinteticamente): \*Primeira: a tradição sobre Jesus começou a cristalizar-se em composições breves, como a *Fonte dos Sinais* e o

*Relato da Paixão*, enquanto suas palavras foram comentadas e interpretadas em um estilo particular, por volta dos anos 50-70 d.C., na região da Judéia; \*Segunda: essas composições e tradições foram utilizadas para elaborar uma biografia original sobre Jesus, dentro de um marco literário e teológico original, por volta dos anos 70-90 d.C., na região siro-palestinese; \*Terceira: a primeira edição do Evangelho foi completada com o acréscimo de comentários e um epílogo, o qual contribuiu em modo determinando para a aceitação desse escrito na “grande Igreja”, entre os anos 90-110 d.C., na Ásia Menor, possivelmente em Éfeso.

Falando do grupo que está por traz desse processo, é significativa a opinião apresentada pelo exegeta de Salamanca: “era um grupo diferente; marginal em relação à corrente principal do movimento cristão; um grupo no qual foram cultivadas uma linguagem e uma teologia peculiares. Esta visão original de Jesus, expressada em uma linguagem diferente, foi sua principal contribuição à grande Igreja, porém foi também a pedra de tropeço que dificultou sua incorporação a ela” (p. 523). Naturalmente, a apresentação da hipótese por parte de Guijarro é de uma riqueza que não é possível manifestar nessas poucas linhas. Espero com elas, porém, aguçar a curiosidade do leitor.

Falar do único Evangelho, mas narrado segundo quatro versões selecionadas pelas primeiras comunidades cristãs, \*testemunha o processo de transmissão e compreensão das recordações sobre Jesus; \*testemunha também o reconhecimento implícito de que os Evangelhos não são a história de Jesus, mas testemunhos narrativos sobre ele, apesar de suas diferenças e contradições; \*testemunha, por fim, que nenhuma visão sobre Jesus pode refletir completamente o mistério da sua identidade. “Em última instância, a decisão da Igreja ao proporcionar os quatro Evangelhos como via de acesso a Jesus expressava uma dupla convicção: que não há somente um caminho para chegar a ele, e que ele está além de todos os caminhos” (p. 539). Assim, se expressa, em modo muito feliz, Santiago Guijarro, na Conclusão do livro, intitulado *A memória de Jesus*.

O estudo profundo e atual que Guijarro nos proporciona é altamente recomendado para quem queira estudar seriamente os quatro Evangelhos, seja professores que alunos. Acredito, portanto, que seria muito importante e útil a tradução deste livro para o português, por uma de nossas valorosas Editoras que se interessam por estudos bíblicos; tanto mais que uma das obras de referência em português, atendo-me apenas aos Evangelhos Sinóticos, isto é, a Introdução<sup>2</sup> escrita por Monastério/Carmona, foi publicada vinte anos atrás (embora também a recomende vivamente!). Como podemos perceber, valeu a pena o grande esforço empregado por Santiago Guijarro para escrever esse manual, embora ele afirme não se tratar exatamente de um manual. Os beneficiários somos todos nós, que podemos lê-lo e estudá-lo!

---

<sup>2</sup> MONASTERIO, Rafael Aguirre; CARMONA, Antonio Rodríguez. *Evangelhos sinóticos e Atos dos apóstolos*. Editora Ave Maria, São Paulo, 2012<sup>5</sup> (1ª ed. 1994). 383 págs. Coleção Introdução ao estudo da Bíblia, vol. 6 (original publicado pela Istitución San Jerônimo e Editorial Verbo Divino, Espanha, 1992).

**Prof. Ms. Antônio César Seganfredo, cs**  
Professor na área bíblica junto ao ITESP.